

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 09, julho a dezembro de 2002

A MATANÇA DOS GATOS NA UNB: ESTILHAÇOS DA DISTÂNCIA ENTRE HOMENS E ANIMAIS

Carlos H. Saito ¹, Leonardo P. Pedrosa, Mariana G. Zatz, Gilmar B. dos Santos, Luiz Altair H. Gomes, Gabriel T. Ramos, Ana Cleide A. do N. Teixeira, Marcos A. de Souza, Silvana D. Scherer, Daniel Bastos, Tatiana O. T. de A. Lobo, Marcelo C. de Oliveira, Einstein G. Sebata, Raquel N. Silva, Andrea da Silva Lima, Luiz Carlos R. de Abreu, Martha E. de Sant'Anna & Alexandre M. Frota Monteiro.

¹ Professor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília

* todos os demais co-autores são estudantes do curso de licenciatura plena ou bacharelado em biologia da Universidade de Brasília que cursaram a disciplina de Educação Ambiental no primeiro semestre de 1998.

RESUMO

Tomando-se como ponto de partida noticiário na imprensa sobre a matança de gatos na Universidade de Brasília, foi feita uma pesquisa junto à comunidade universitária objetivando conhecer melhor a relação existente entre homens e animais domésticos. Entrevistados diferentes segmentos da comunidade, a pesquisa revelou que, embora fortemente condenada, há condições subjetivas para a ocorrência destas mortes, tendo em vista existir preconceitos oriundos do temor aos animais. A pesquisa revelou também que os gatos despertam emoções fortes tanto no campo positivo como negativo, atualizando as bases que fundamentaram os mitos egípcios sobre os gatos.

Palavras-chave: gatos, bem-estar animal, educação ambiental

INTRODUÇÃO

Em espaços urbanos sempre houve preocupação com respeito ao relacionamento entre homens e animais domésticos desprovidos de lar. Governos e administradores traçam estratégias de contenção da população desses animais, como por exemplo, canis públicos e centro de prevenção de zoonoses. Por sua vez, a sociedade civil, organizada em associações

de proteção animal e entidades não oficiais, tentam realizar a mesma tarefa sob uma perspectiva diferente das organizações governamentais.

Em geral, quando esses animais passam a se concentrar em grande número num determinado local, os conflitos entre homens e animais se evidenciam. Pessoas que se sentem incomodadas com a aglomeração desses animais buscam medidas para dispersá-los, ou mesmo exterminá-los; sofrendo a condenação daqueles que sentem compaixão pelos animais e procuram defendê-los. Esse tipo de conflito ocorre tanto nas proximidades de residências como em ambientes de trabalho, merecendo, vez por outra, noticiário na mídia impressa e televisiva.

O convívio entre homens e animais existe há pelo menos 12 mil anos, tendo se iniciado quando o homem trocou sua vida nômade pela vida sedentária baseada na agricultura. Provavelmente com a domesticação de animais para uso próprio, o homem formou rebanhos, inicialmente com cabras, carneiros e depois com outros animais (Barloy & Martins, 1980). Posteriormente, foi introduzido o cão para auxiliar no cuidado do rebanho e proteger contra eventuais ladrões de animais e outros predadores. A domesticação do gato ocorreu por volta do ano 2.000 a.C., no Egito Antigo, por sua capacidade de proteger os depósitos de grãos dos roedores e também por seus atributos místicos, tendo merecido um lugar de destaque na vida religiosa daquele povo, conforme se observa pelo templo de Bastet, a deusa felina da fertilidade (Zasloff, 1996). No decorrer da história, outros animais foram sendo domesticados para as mais diversas utilidades, seja para trabalho, para companhia ou para fins de exibição e ornamentação. Este processo de domesticação foi marcado por contradições, oscilando entre sentimentos de crueldade e brutalidade e sentimentos de compaixão e afeto (Thomas, 1996).

É possível que o afeto tenha sido o fator que levou o homem a domesticar gatos e mantê-los no decorrer das civilizações. Hoje, segundo Miller (1996), os gatos, devido a sua habilidade para viver dentro de lares em ambientes urbanos, bem como a limpeza, o porte pequeno, natureza sociável, e tolerância para permanecerem sozinhos, têm se tornado animais de estimação bastante populares no ocidente. Ao mesmo tempo, por suas características que foram relacionadas com azar e doenças, muitas pessoas os vêem como uma espécie de ameaça; outros, devido à independência do gato que está entre o limiar de animal selvagem e doméstico, o vêem como uma espécie arrogante e prepotente.

A crescente urbanização de nossas cidades tem restringido o contato dos homens com os animais, dissociando natureza e cultura (Sheldrake, 1993). O objetivo deste trabalho é buscar compreender como se dá a relação dentro da comunidade acadêmica entre homens e gatos, e verificar as condições culturais para uma convivência harmoniosa entre eles dentro do campus universitário, tendo como ponto de partida notícia publicada no jornal Correio Braziliense de 29/03/1998 denunciando uma matança de gatos no Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília (Figura 1).

METODOLOGIA

Para compreender a relação entre homens e animais em nossa sociedade é preciso buscar padrões coletivos que ultrapassem as opiniões pessoais. Conforme Durkheim, citado em Douglas (1976), para compreender a natureza da sociedade é necessário buscar, não a psicologia do indivíduo, mas uma consciência coletiva, algo como um certo consenso comum a um conjunto de valores e opiniões.

Neste sentido, optou-se pela aplicação de um questionário padronizado (Anexo I), construído de forma a tentar apreender padrões e regularidades que reflitam atitudes e valores em relação aos gatos, representativo da comunidade universitária, no que diz respeito à permanência dos gatos no campus, à alimentação desses gatos por membros da comunidade e à matança ocorrida entre eles. Buscou-se a comparação do padrão de respostas por sexo, por segmento social da comunidade e por área de formação/conhecimento, cuja tipificação em

Ciências Humanas, Exatas e da Natureza foi definida coletivamente pelos colaboradores da pesquisa (Anexo II).

A expectativa de respostas diferentes entre os sexos, se deve ao fato do estigma feminino de delicadeza e sentimentalismo, que as mulheres, sendo mais sensíveis, teriam um outro tipo de reação em relação ao fato ocorrido com os gatos. Para a escolha dos segmentos que formariam a comunidade universitária, escolheu-se as categorias mais representativas em termos numéricos e a que permanecem por mais tempo na universidade, que seriam os estudantes, professores e técnico-administrativos. Além destes, incluiu-se os funcionários da segurança e os encarregados da limpeza, por trabalharem no horário noturno, período típico de atividade dos felídeos e por isso, esses dois grupos, possivelmente teriam mais contato com os gatos. Finalmente optou-se pela inclusão dos trabalhadores do comércio na pesquisa, por estarem presentes no dia-a-dia da vida universitária, com interesses e vínculos diferente dos demais segmentos.

Matança de gatos no minhocão da UnB

Funcionário aposentado alimenta os animais todas as noites e denúncia o envenenamento. Nove bichanos já foram encontrados mortos

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Na maioria dos corredores do Minhocão, a noite é dos gatos. Ali, eles circulam sem cerimônia, mas com a devida distância, entre alunos e funcionários da Universidade de Brasília (UnB). Um espaço que passou de casa à armadilha. Com o mesmo silêncio com que vagam entre salas e corredores, eles são exterminados e encontrados mortos em valas e becos da universidade.

Quem denuncia é a União Protetora dos Animais (Unipa), representada por Nestor Cavalcante, e o funcionário público aposentado Antônio Felipe Corrêa da Costa, 59 anos, que adotou os gatos da UnB como se fossem filhos. Ou melhor, netos, como ele prefere. "Designaram a UnB", sentencia Nestor. "Isso é crime. É coisa de universidade de terceiro mundo. O que a UnB pensa que é? O slogan da semana da paz deveria ser: 'Eu sou da paz, eu mato animais'. Isso é uma vergonha", vocifera Felipe, que alterna momentos raivos pela universidade com os de consternação e lágrimas pelos "amigos" mortos.

A prova da matança de gatos veio na última sexta-feira, quando saiu o laudo toxicológico feito nas vísceras e no conteúdo estomacal de três gatos encontrados mortos há uma semana na UnB. Segundo o resultado do exame, foi detectada a presença de pesticida, do grupo organo-fosforado. "É um veneno mesmo, altamente tóxico. Havia hemorragia, com muito sangue nas cavidades. Eles morreram com muito sofrimento. Alguém deve ter envenenado os gatos", detalha o toxicologista Otávio Américo Brasil, que fez o exame.

Com base nesse laudo, a Unipa pretende processar a UnB. "Vamos estudar que tipo de ação judicial cabe nesse caso. Maltratar animais é crime previsto em lei", diz Nestor, que também é advogado aposentado. Pelas contas de Nestor e Felipe, em uma semana nove gatos foram recolhidos sem vida dos cantos e latas de lixo da Universidade, sem contar outros incidentes do mesmo tipo que ocorreram em anos anteriores.

Felipe espera recolher os gatos que ainda restaram pelo campus e levá-los para o sítio Veredas, de propriedade de Nestor, na Cidade Ocidental. Foi a alternativa encontrada por ele, já que sua casa no Valparaíso não comporta mais os bichanos. Ele divide seu lar com dezenas deles — deita e acorda com eles 140 em determinado momento —, a grande maioria de egressos da UnB.

"O reitor é responsável porque nós já tínhamos denunciado e o mandante é o prefeito do campus", acusa Nestor. "O prefeito já tinha me intimidado e disse que ia acabar com os gatos", reforça Felipe, que nutre um ódio profundo pela UnB, cultivado em três anos de convivência com a intolerância daqueles que não aceitam a sua devoção aos gatos.

O prefeito Joaquim Arnoldo Pimentel Pinheiro nega as acusações. "É mentira dele. Nunca o ameacei. Isso é onda dele. Pela UnB existem 25 mil pessoas circulando por dia e tem muita gente que não gosta de gato, mas não matei os gatos. O que a prefeitura fez foi estabelecer um prazo para que ele retire os animais

do campus, já que ele se sente dono deles", contesta Joaquim.

O prefeito conta que existem dezenas de pedidos para retirar os gatos da universidade. "Eles derubam experiências de laboratório, quebram as coisas quando correm atrás dos ratos e não são gatos domésticos. Já houve casos deles avançarem em alunos", justifica. "Não gosto de ver os animais sendo mortos, mas não estou preocupado com gatos, estou preocupado com gatinhos. Não estou aqui para proteger animais, mas para cuidar das pessoas", argumenta Joaquim, irritado.

O bate e rebote entre Felipe e Joaquim apenas amplifica o clima nada cordial entre o amante dos gatos e os servidores da Universidade. Num documento de sete páginas, registrado em cartório e protocolado na Reitoria da UnB, Felipe narra como a sua rotina diária de alimentar os gatos da UnB virou um pesadelo e denuncia os maus-tratos aos bichos. Felipe começou a alimentar os gatos da universidade em março de 1995, quando era aluno ouvinte. Começou pela ala sul do minhocão (Instituto Central de Ciências). Aos poucos, foi avançando também pela Faculdade de Ciências da Saúde, de Tecnologia, de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Artes e outras entradas do Minhocão. "Desde o início, a presença e atitude afetuosa com os gatos geraram estresse, omissão, dúvidas, curiosidade, muito preconceito e até hostilidade por parte dos guardas noturnos e pessoal da limpeza", narra, no documento.

A partir disso, Felipe conta que já foi tratado aos berros e teve o carro atropelado e foi vítima de debochos como, por exemplo, miados e piadas durante suas incursões noturnas e diárias à universidade em plena madrugada para alimentar os gatos. Relata também como pessoas já fizeram suas necessidades fisiológicas dentro ou próximo aos vasos sanitários e como gatos foram encontrados mortos no lixo ou jogados no gramado com as vísceras à mostra. No documento, Felipe pede a dilatação do prazo para a retirada dos gatos, já que o prefeito tinha dito que ia pedir à Gerência de Controle de Zoonoses para recolher os animais depois do dia 16 de março, início do período letivo.

"Eu não sabia de nada disso até ele denunciar. Demos um prazo de três meses para que ele retirasse os animais. Já conversei com o pessoal da limpeza e da segurança, expliquei a situação. Realmente existem pessoas que têm ojeriza aos gatos, como há aquelas que simpatizam com os animais, mas não temos responsabilidade sobre isso", diz o chefe de gabinete da Reitoria, Luiz Basílio Rossi.

Para Felipe, essas pessoas que compartilham com ele o amor pelos bichanos são "péssimos pincados no lado que é a UnB". Ele não perdoa e ataca ferozmente, como um felino acuado, a universidade formada, segundo ele, por "academismo e filidraça". O professor do Teoria Literária e amigo de Felipe, Heitor Siewierski, elogia e admira o trabalho do ex-aluno, mas não acha que a universidade deva ser responsabilizada por isso. "Foi uma coisa lamentável o que fizeram, mas a universidade não pode ser acusada. Não acredito que tenha sido uma ação premeditada da Prefeitura ou da Reitoria", opina.



Antônio Felipe anda descalço pela universidade quando vai alimentar e conversar com os amigos gatos para não acordar os vigias noturnos

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

O HOMEM GRATO E RANCOROSO COMO UM FELINO

"Por meio dos gatos, justifico a minha presença no mundo que eu não entendo e que não me entende." Frases assim, ditas como declarações, denunciam o amor e a paixão do funcionário público aposentado Antônio Felipe Corrêa da Costa, 59 anos, pelos felinos e sua verdadeira identificação com eles.

Só mesmo um sentimento levado ao extremo como esse para explicar o que faz um tradutor trilingue com dois diplomas de curso superior (Economia e Bibliotecologia) e Mestrado em Ciência da Informação circular de pé descalço

pelos Minhocão da Universidade de Brasília em plena madrugada — segundo ele, para não perturbar o sono dos vigias noturnos — dando comida e conversando com os gatos. Faz isso praticamente todos os dias.

Para muitos, um ato de loucura. Para ele, uma maneira de viver que deve ser respeitada. Felipe ganha dois terços de sua aposentadoria — R\$ 2,7 mil — para cuidar de Brigitte, Collete, Marilyn, Mirabel, Monsieur Gris e mais dezenas de gatos que vivem em sua própria casa, no Valparaíso, e na UnB.

Nunca pediu a ninguém um só centavo para alimentar suas crias. Quer apenas respeito por sua opção. A quem não devota a ele o mínimo que exige, ele retribui com desdém e raios. "Sou felino: grato e rancoroso", explica.

Há vinte anos, começou, ainda no Rio de Janeiro, a cuidar dos bichinhos. Três anos atrás passou a se dedicar aos gatos abandonados e não domesticados da UnB. Tem as mãos marcadas por arranhões, respeita o jeito arisco dos bichanos e acha que eles retribuem à altura toda dedicação. "Eles são o meu patrimônio. São o meu deus. Eles me traduzem a isenção de pecado, a pureza...", diz, sem conseguir conter as lágrimas, enquanto olha para os gatos que passeiam ingenuamente pelo Minhocão. "Eles não sabem do perigo que correm", lamenta.

Fica minutos intermináveis abaixado olhando para os gatos, que miam a distância. "É como se os gatos se comunicassem com ele. É impressionante", testemunha o amigo Nestor Cavalcante, integrante da União Protetora dos Animais (Unipa).

Tigre no horizonte chinês, inteligente, habil com as palavras, Felipe não esconde que sua fascinação pelos animais lhe valeu a pecha de maluco, mas não liga. "Desprezo o ser humano. Pessoas como eu são defenestradas", sentencia o ex-modelo e ex-comissário que também já morou no Exterior.

"Eu quero morrer ao lado dos gatos. Eles são minha paixão", derrama-se. Um sentimento às vezes tão exacerbado que chega a roubar-lhe os sentidos como num momento de emoção em que declarou não se importar nem mesmo com o cheiro dos excrementos dos bichos. "Pra mim, é como se fosse ausência de Yves Saint Laurent."

Figura 1. Denúncia de matança de gatos no Campus da Universidade de Brasília ocupa noticiário do Jornal Correio Braziliense de 29/03/1998

O questionário foi elaborado contendo sete perguntas, variando entre perguntas do tipo abertas e de tipo fechadas, cada qual com objetivos específicos. As questões abertas objetivam captar as manifestações espontâneas que, acredita-se, deverá Ter uma variedade maior de respostas do que as pré-definidas pelos pesquisadores, caso fossem configuradas como questões fechadas. As respostas das questões abertas serão classificadas e agrupadas em categorias, tal que possibilitem uma análise objetiva e mesmo quantitativa das mesmas numa segunda etapa. O sistema de categorias não é definido a priori, resultando de uma análise classificatória progressiva dos elementos das falas (Richardson, 1989). Para tal, optou-

se pela técnica de análise de conteúdo, seguindo suas características metodológicas de objetividade, sistematização e inferência (Richardson, 1989). Este rigor metodológico possibilita, assim, evitar o erro avaliativo por subjetivação, pois “a objetivação implica que essas descrições se baseiam em um conjunto de normas para minimizar a possibilidade de que os resultados sejam mais um reflexo da subjetividade do pesquisador que uma análise de conteúdo de determinado documento” (Richardson, 1989, p.176). Já com respeito às perguntas fechadas, na sua estrutura de montagem procurou-se observar padrões favoráveis ou desfavoráveis aos gatos em relação às atitudes deles com os humanos, sobre sua permanência no campus, sobre a utilidade que os gatos podem ter, sobre benefícios ou prejuízos para o campus. O número de itens favoráveis e desfavoráveis aos gatos foi equilibrado, para não induzir o entrevistado a uma atitude negativa ou positiva em relação aos gatos. As perguntas fechadas apresentam a vantagem de otimizar a análise quantitativa dos dados, dentro de padrões e expectativas previamente definidas.

A coleta de dados foi realizada dentro do Instituto Central de Ciências (ICC) da Universidade de Brasília, também conhecido como “Minhocão”, no período de 5 a 26 de agosto de 1998, por dezoito entrevistadores, todos estudantes de graduação matriculados na disciplina Educação Ambiental do curso de licenciatura noturna em ciências biológicas da Universidade de Brasília. A escolha do ICC se deve ao fato de ter sido o local onde ocorreu a matança dos gatos, conforme denunciado pelo jornal Correio Braziliense de 29/03/1998.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo as respostas analisadas, não há diferença significativa devido a gênero nas atitudes relacionadas à matança de gatos veiculada na imprensa, bem como nas sugestões sobre o que fazer em relação ao problema (Tabela 1). Igualmente, não há diferença devido a áreas de conhecimento em que atuam estudantes, técnicos e professores quanto aos mesmos itens pesquisados (Tabela 2). O total de entrevistados foi de 309 pessoas.

Tabela 1. Padrão de respostas de homens e mulheres sobre a matança dos gatos e se criam gatos em casa (total de homens = 174, total de mulheres = 135)

	Homens						Mulheres					
	Sim	% sim	não	% não	sem resp.	% sem resp.	sim	% sim	não	% não	sem resp.	% sem resp.
Cria gatos	64	36,8	110	63,2	0	0,0	43	31,9	92	68,1	0	0,0
Sabe da matança	59	33,9	115	66,1	0	0,0	50	37	83	61,5	2	1,5
Favorável à matança	27	15,5	119	68,4	28	16,1	8	5,9	112	83	15	11,1
Favorável a alimentar	93	53,4	49	28,2	32	18,4	62	45,9	33	24,4	40	29,6
Favorável a maltratar	9	5,2	132	75,9	33	19	3	2,2	103	76,3	29	21,5

Tabela 2. Padrão de respostas dos entrevistados a favor e da matança dos gatos, por área de conhecimento em que atuam.

	sim	% sim	não	% não	sem resposta	% sem resposta	Total
Ciências da Natureza	18	14,4	90	72,0	17	13,6	125
Ciências Humanas	7	9,6	56	76,7	10	13,7	73
Ciências Exatas	8	12,9	42	67,7	12	19,4	62

No entanto, ao analisar o padrão de respostas produzido por segmentos sociais da comunidade universitária (professores, técnico-administrativos, estudantes, funcionários da segurança, funcionários da limpeza e trabalhadores do comércio), surgem indicadores que merecem análise.

Quando perguntados se criavam gatos em casa, 65% dos entrevistados do segmento de funcionários da limpeza e 66,7% dos entrevistados do segmento de funcionários da segurança responderam positivamente, diferindo do padrão de respostas dos demais segmentos da comunidade universitária, que oscilaram entre 35 e 40% para o mesmo tipo de resposta (Tabela 3).

Tabela 3. Respostas à pergunta “criam gatos?”, por segmentos da comunidade universitária.

	sim	% sim	não	% não	sem resposta	% sem resposta	Total
Estudantes	56	30,9	125	69,1	0	0,0	181
Professores	9	22,0	32	78,0	0	0,0	41
Técnico-administr	15	39,5	23	60,5	0	0,0	38
Limpeza	13	65,0	7	35,0	0	0,0	20
Segurança	6	66,7	3	33,3	0	0,0	9
Comércio	8	40,0	12	60,0	0	0,0	20

Ao analisarmos o padrão de respostas contra a matança dos gatos, a condenação ao genocídio aparece em 85% dos entrevistados entre os funcionários da limpeza e 88,9% dos funcionários da segurança. Registra-se ainda 90% dos trabalhadores do comércio com posicionamento contrário ao assassinato dos felinos, contra um padrão de condenação em torno de 70% nos demais segmentos (Tabela 4).

Tabela 4. Respostas à pergunta “favorável à matança de gatos?”, por segmentos da comunidade universitária.

	sim	% sim	não	% não	sem resposta	% sem resposta	Total
Estudantes	24	13,3	133	73,5	24	13,3	181
Professores	5	12,2	29	70,7	7	17,1	41
Técnico-administr	4	10,5	26	68,4	8	21,1	38
Limpeza	0	0,0	17	85,0	3	15,0	20
Segurança	1	11,1	8	88,9	0	0,0	9
Comércio	1	5,0	18	90,0	1	5,0	20

O fato de a grande maioria dos entrevistados ser contrária à matança e mesmo aos maus tratos dos gatos confirma o valor universal do amor à vida e aos animais, sobretudo domésticos, manifesto na Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamado pela Assembléia da UNESCO em Bruxelas em 27/01/78. Dentre os diversos artigos que são pertinentes a esta discussão, podemos citar:

“artigo 1º – Todos os animais nascem iguais perante a vida e tem os mesmos direitos à existência”; “artigo 3º, item 1 – Nenhum animal será submetido nem a maus tratos nem a atos cruéis”; “artigo 11º – Todo o ato que implique a morte de um animal sem necessidade é um biocídio, isto é, um crime contra a vida” (UNESCO, 1978).

No item relativo à alimentação dos gatos, 75% dos funcionários da limpeza e 80% dos trabalhadores do comércio mostraram-se favoráveis a alimentar estes animais no campus, contra um padrão de respostas variando entre 45% e 50% nos demais segmentos (Tabela 5).

Tabela 5. Respostas à pergunta “favorável à alimentação de gatos?”, por segmentos da comunidade universitária.

	sim	% sim	não	% não	sem resposta	% sem resposta	Total
Estudantes	83	45,9	50	27,6	48	26,5	181
Professores	17	41,5	12	29,3	12	29,3	41
Técnico-administr	19	50,0	11	28,9	8	21,1	38
Limpeza	15	75,0	4	20,0	1	5,0	20
Segurança	5	55,6	3	33,3	1	11,1	9
Comércio	16	80,0	2	10,0	2	10,0	20

Considerando que os segmentos funcionários de limpeza e de segurança são constituídos por trabalhadores com menor nível de renda e, inclusive, muitos deles terceirizados (portanto, com alto grau de instabilidade profissional), e considerando também que os trabalhadores do comércio local também apresentam baixa remuneração, pode-se afirmar que a classe social pode ser uma categoria distintiva de atitudes em relação aos gatos domésticos. Sendo esta análise correta, assistimos hoje a uma inversão de atitudes em relação à França do século XVIII, apontada por Darnton (1986), ao comentar a revolta dos trabalhadores das gráficas. Naquele episódio, fica registrado que os trabalhadores viam nos felinos o símbolo das injustiças sociais, pois estes animais eram criados com todo o zelo e mimo por seus patrões, ao mesmo tempo em que destinavam maus tratos a seus empregados. Os animais eram criados como parte da família, por aqueles que podiam fazê-lo.

Nos tempos atuais, justamente os segmentos menos favorecidos da sociedade afirmam criar gatos e se preocupam em cuidar deles e se revoltam em maior grau com a matança destes animais. A defesa dos gatos deve-se, certamente, ao convívio com seus pares, que os tornam mais sensíveis à vida animal. O que poderia levar membros destes segmentos sociais a adotarem gatos como animais domésticos pode-se dever, talvez, ao fato de os gatos serem animais que gostam de viver em ambiente externo, saindo para “passear” (Landsberg, 1996), o que possa lhes permitir diminuir as despesas com cuidados e alimentação, que são mais elevados se considerarmos os cães. É possível também que os animais domésticos representem um meio de “humanizar” suas vidas, ao lhes oferecer afeto, carinho e momentos de ludicidade em meio à rotina massacrante que a divisão de classe lhes impõe e que as políticas neoliberais de exclusão social só fazem acentuar.

Um outro aspecto que chama a atenção é o fato de que, perguntados sobre se tinham conhecimento da morte dos gatos no Instituto Central de Ciências da UnB, 60% dos funcionários da limpeza e 55% dos funcionários da segurança responderam afirmativamente, ao passo que os demais segmentos da comunidade universitária apresentaram um padrão de conhecimento do fato variando entre 30 e 40% dos entrevistados (Tabela 6). Estes dados indicam que há um desinteresse e desatenção generalizado em relação ao que se passa no interior do campus, sendo grave tratando-se de estudantes, professores e técnicos que circulam pelo campus diariamente – seu espaço de trabalho e estudo. Na mesma linha de raciocínio, ao se analisar as sugestões dos entrevistados para se evitar novas matanças de gatos, chama a atenção o fato de que apenas 7,3% dos professores e 10,5% dos técnico-administrativos recomendarem a investigação e a punição dos responsáveis, quando esta preocupação atinge entre 20 e 30% dos entrevistados nos demais segmentos, indicando um grande desinteresse pelo problema (Tabela 7).

Tabela 6. Respostas à pergunta “tem conhecimento da matança de gatos?”, por segmentos da comunidade universitária.

	sim	% sim	não	% não	sem resposta	% sem resposta	Total
Estudantes	55	30,4	123	68,0	3	1,7	181
Professores	12	29,3	29	70,7	0	0,0	41
Técnico-administr	17	44,7	20	52,6	1	2,6	38
Limpeza	12	60,0	8	40,0	0	0,0	20
Segurança	5	55,6	4	44,4	0	0,0	9
Comércio	8	40,0	12	60,0	0	0,0	20

Tabela 7. Sugestões para resolver o problema da matança através da investigação, denúncia e punição dos agentes da matança de gatos, por segmentos da comunidade universitária.

	n	%	Total
Estudantes	51	28,2	181
Professores	3	7,3	41
Técnico-administr	4	10,5	38
Limpeza	4	20,0	20
Segurança	2	22,2	9
Comércio	6	30,0	20

A consequência da presença dos gatos para a vida universitária foi objeto de pergunta no item 7 do questionário aplicado, com 13 alternativas previamente definidas que poderiam ser assinaladas pelo entrevistado, sem restrições quanto ao número de alternativas assinaladas. Como resultado, obtivemos que as respostas assinaladas em maior número foram, em ordem decrescente:

- 1) permitem caçar ratos (243 entrevistados)
- 2) transmitem doenças (201 entrevistados)
- 3) rasgam sacos de lixo (139 entrevistados)
- 4) que o campus universitário pode ser local para animais (132 entrevistados)
- 5) que a presença de gatos estimula a sensibilidade das pessoas (115 entrevistados)

Este resultado indica, primeiramente, que os gatos despertam atitudes e emoções ambíguas, positivas e negativas se alternando em importância. O fato de os gatos serem apontados como úteis para caçar os ratos por 243 entrevistados é indicativo não da valorização dos gatos mas da preocupação da comunidade universitária com a presença de roedores no campus, circulando pelos corredores e frestas, sobretudo no subsolo do Instituto Central de Ciências. Representa, portanto, uma providência urgente reclamada pela comunidade à Prefeitura do Campus.

Em segundo lugar, também com forte indicação, surge a preocupação com a transmissão de doenças. A culpabilização do gato pela transmissão de doenças como a toxoplasmose é indicativo de uma percepção distorcida do processo de contágio de doenças, pois sugere que basta o contato com o agente etiológico ou seu hospedeiro que o ser humano adocece. Não se leva em consideração, neste raciocínio, as possibilidades de reação do organismo, função não apenas da sua constituição (pré-disposição de ordem familiar) como, e principalmente, das condições de vida e trabalho a que está submetido e que podem fortalecê-lo ou fragilizá-lo frente as possíveis enfermidades. Neste sentido, a passagem do paradigma dos miasmas para o paradigma microbiano, a partir das descobertas de Pasteur, representou uma secundarização do plano existencial de vida societária, conforme aponta Costa (1987) e adoção, pela influência dos interesses econômicos, de uma perspectiva mecanicista da ciência moderna (Santos, 1990).

Uma outra leitura possível é aquela baseada em Mary Douglas (1976), em que o perigo decorrente da sujeira e possibilidade de contração de doenças deva-se muito mais a um

mecanismo subjetivo de buscar manter um ordenamento cultural e socialmente aceito, qual seja, a delimitação de espaços distintos para estudo e trabalho e convívio com animais. A admissibilidade da permanência de gatos no campus representa um conflito instaurado em nossa sociedade e a possibilidade de estarmos vivenciando um processo de transformação de valores e normas de conduta social.

Nas duas possíveis interpretações para a preocupação com a transmissão de doenças pelos gatos, subsiste, como pano de fundo, o distanciamento entre homens e animais, refletido em atitudes de depreciação e temor em relação a estes últimos pelos primeiros, conforme apontado por Saito (2000) em pesquisa sobre a percepção dos professores de pré-escola à quarta série do Distrito Federal.

A terceira consequência mais assinalada (rasgar sacos de lixo) foi apontada por 70% dos entrevistados entre os trabalhadores do comércio e apenas por 35% dos funcionários da limpeza. Isto é uma evidência de que o problema dos gatos rasgarem os sacos de lixo afetam privilegiadamente o lixo próximo ao comércio de alimentos, na busca de restos de comida, não se constituindo num problema generalizado no campus pois o lixo produzido no campus universitário, em especial nos laboratórios e salas, é de origem inorgânica. Neste caso, providências específicas para o lixo deste setor, que já conta com localização geográfica restrita, pode sanar facilmente o problema. Além disto, é possível retomar Douglas (1976) e supor que muitos entrevistados possam ter apontado para o problema da sujeira provocada pelos gatos, muito mais por uma crença no que justificaria a manutenção da ordem do que na certeza de fatos verídicos. Este raciocínio é válido para o número de respostas afirmativas sobre a destruição de experimentos por gatos, apontada por 55,6% dos funcionários da segurança e 50% dos trabalhadores do comércio, ao passo que os segmentos diretamente envolvidos com o assunto não lhe deram tanta importância (29,3% dos professores e 23,7% dos técnico-administrativos).

O quarto e o quinto item indica uma disposição e um desejo da comunidade universitária em conviver com estes animais, humanizando o campus.

A contabilização das respostas espontâneas sobre o que os gatos lhes representavam (3 palavras ou idéias livremente citadas pelos entrevistados), após agrupamento por categorização, apresentou os seguintes resultados, em ordem decrescente:

- 1) Afeição (223 entrevistados)
- 2) Aversão (215 entrevistados)
- 3) Admiração (193 entrevistados)
- 4) Medo (75 entrevistados)
- 5) Indiferença (46 entrevistados)
- 6) Superstição (11 entrevistados)
- 7) Utilidade (10 entrevistados)

Estas respostas produzem um padrão de 426 posicionamentos positivos em relação aos gatos, 301 negativos e 46 indiferentes. Muito embora o posicionamento a favor dos gatos tenha se apresentado majoritário, o que merece destaque é o fato de que os posicionamentos positivos e negativos superam sobremaneira o posicionamento de indiferença, confirmando a afirmação de Miller (1996) de que os gatos despertam fortes sentimentos e emoções nos seres humanos, contra ou a favor, e raramente de indiferença. Inclui-se neste rol de fortes sentimentos, a própria superstição, que em alguns momentos se confunde com sentimentos de medo, cuja origem remonta ao Egito Antigo e parece estar relacionado com o seu comportamento de independência e com seus olhos, que parecem ver profundamente a alma humana e podem enxergar muito bem no escuro, que simboliza a morte para os egípcios (Miller, 1996).

A polarização alternada (afeição/aversão/admiração/medo) obtida nas entrevistas apresenta um paralelo com a mitologia egípcia em que Tefnut, Sekhmet e Pekhmet, deusas com a cabeça de leoa, e Bastet, deusa com a cabeça de gata, compõem uma unidade que expressa o

eterno movimento de antagonismos de fúria e docilidade, de medo e afeição que habitam a psiquê humana e que, de alguma forma, os gatos trazem à lembrança (Silveira, 1998).

Uma outra evidência de que os gatos despertam fortes sentimentos de proximidade ou distanciamento dos gatos é o fato de que os gatos, nas respostas espontâneas, não foram lembrados pelo seu potencial de caçar ratos, que representaria uma utilidade para a comunidade universitária. Esta característica dos gatos só foi apontada ao final da entrevista, quando constou como uma alternativa previamente apontada, que possibilita a indução de um padrão de respostas. A combinação de questões abertas e fechadas na entrevista permitiu compreender melhor as reações provocadas pelos gatos e avaliar inclusive o papel do instrumento de coleta de dados na geração do próprio dado.

CONCLUSÃO

Embora a grande maioria dos entrevistados tenha se pronunciado contra a matança e os maus tratos aos gatos, o fato de se imputar atos aos gatos sem a devida comprovação (por exemplo a destruição de experimentos, quando poderia ser ação de ratos ou gambás, freqüentes no Campus) demonstra a existência de susceptibilidade das pessoas a desconfiar dos animais e culpá-los gratuitamente.

A associação direta entre contato com animais e contração de doenças revela a contribuição da ciência moderna (distorcida pelo reducionismo) para aumentar o distanciamento entre homens e animais, entre cultura e natureza, pelo temor que o primeiro passa a ter em relação ao segundo. Curioso é que a proposta original do progresso da ciência, e sua disseminação, foi justamente libertar os homens do temor obscurantista e permitir-lhes a compreensão racional do mundo que os cerca, o que não parece se aplicar neste caso específico.

A investigação sobre o episódio da matança dos gatos na UnB, embora não tenha revelado na sua completude o crime e os criminosos, mostrou que há, ainda, em nossa sociedade, condições culturais para propiciar a ocorrência deste tipo de ação contra os animais, ainda que em tese, de modo geral, exista um repúdio à morte desnecessária e aos maus tratos a animais. Conclui-se, portanto, que a educação ambiental ainda tem muito a fazer para reaproximar o homem dos animais, e fazê-los conviver em harmonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barloy, J. J. & Martins, E. *Ecologia: a busca da nossa sobrevivência*. Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1980.
- Costa, N. R. A questão sanitária e a cidade. *Espaço e Debates* 22:5-25, 1987.
- Darnton, R. O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- Douglas, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- Landsberg, G. Feline behavior and welfare. *Journal of American Veterinary Medical Association* 208(4):502-505, 1996.
- Miller, J. The domestic cat: perspective on the nature and diversity of cats. *Journal of American Veterinary Medical Association* 208(4):498-502, 1996.
- Richardson, R. J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo, Atlas, 1989.
- Saito, C. H. Distanciamento, depreciação e temor em relação aos animais domésticos entre professores de pré-escola à 4ª série do Distrito Federal: estudo de caso. Anais do VII Encontro "Perspectivas do Ensino de Biologia" / I Simpósio Latino-Americano da International Organization for Science and Technology Education. São Paulo, FEUSP, 2000, p.586-591.
- Santos, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto, Afrontamento, 1990.
- Sheldrake, R. *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. São Paulo, Cultrix, 1993.

- Silveira, N. da. Gatos, a emoção de lidar. Rio de Janeiro, Léo Christiano Editorial, 1998.
- Thomas, K. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- UNESCO. Declaração Universal dos Direitos dos Animais. Bruxelas, 27/01/1978. Retirada da internet no seguinte endereço:
http://members.xoom.com/caes_e_gatos/decluniv.htm
- Zasloff, R. L. Cats and their people: a (nearly) perfect relationship. *Journal of American Veterinary Medical Association* 208(4):512-516, 1996.

Anexo I - Modelo de questionário aplicado

Nome do entrevistador: _____

Data: _____ Hora: _____

Entrevistado:

() estudante – curso: _____ () trabalhador da limpeza

() professor – Dept: _____ () segurança

() técnico-administrativo – Dept: _____ () comerciante

Sexo: () masc. () fem.

Nome do entrevistado (opcional): _____

1) Você cria ou já criou gatos? () sim () não

2) Diga 3 palavras que expressam a sua reação a gatos.

3) Você tem conhecimento da matança dos gatos ocorrida no “Minhocão”? () sim () não

4) Qual a sua opinião sobre a matança de gatos na UnB? O que poderia ser feito em relação a isto?

5) Você já viu alguém alimentar os gatos? () sim () não O que pensa a respeito?

6) Você já viu alguém maltratar os gatos? () sim () não O que pensa a respeito?

7) O que você pensa sobre a presença de gatos na UnB? Assinale quantas alternativas você achar que corresponde à sua opinião.

() podem destruir experimentos

() podem atacar as pessoas

() os gatos diminuem o stress

() podem caçar os ratos

() podem transmitir doenças

() podem alegrar o campus

() a universidade não é lugar para animais

() os miados perturbam aulas e outras atividades

() a universidade pode ser um local de presença de animais

() os alimentos que as pessoas dão para os gatos sujaram o campus

- () os gatos permitem estudar a biologia dos animais
- () os gatos rasgam os sacos de lixo
- () a presença de gatos estimula nossa sensibilidade em relação aos animais
- () outros _____

Anexo II – Áreas de formação/conhecimento para fins de classificação dos entrevistados

Ciências Humanas	Ciências Exatas	Ciências da Natureza
Administração	Ciências da Computação	Agronomia
Antropologia	Ciências Contábeis	Ciências Biológicas
Arquitetura e Urbanismo	Desenho Industrial	Enfermagem e Obstetrícia
Arquivologia	Engenharia Civil	Engenharia Florestal
Artes Cênicas e Plásticas	Engenharia Elétrica	Educação Física
Biblioteconomia	Engenharia Mecânica	Farmácia
Ciências Políticas	Engenharia Mecatrônica	Geologia
Ciências Econômicas	Engenharia de Redes de Comunicação	Medicina
Comunicação	Estatística	Medicina Veterinária
Direito	Física	Nutrição
Economia	Informática	Odontologia
Educação Artística	Matemática	
Filosofia	Química	
Geografia		
História		
Letras		
Música		
Pedagogia		
Psicologia		
Relações Internacionais		
Serviço Social		
Sociologia		